



2157 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

UMA PERSPECTIVA TRÁGICA DO SOFRIMENTO NAS PRÁTICAS ESCOLARES
Deisi Mônica Seibert - UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Betina Schuler - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

UMA PERSPECTIVA TRÁGICA DO SOFRIMENTO NAS PRÁTICAS ESCOLARES

RESUMO

Este artigo se propõe a pensar os modos de se lidar com o sofrimento nas práticas escolares desde uma perspectiva trágica nietzschiana, em tempos de felicidade a qualquer preço como prerrogativa do bem viver. Para tanto, problematiza, a partir de uma pesquisa bibliográfica, os modos de funcionamento da felicidade no presente e o discurso da infância feliz, a partir do conceito do trágico e da grande saúde em Nietzsche. A partir disso, toma a filosofia com crianças por meio de práticas de escrita e leitura como uma outra possibilidade de relação com o pensamento e com a vida na escola.

Palavras-chave: infância; felicidade, sofrimento, trágico, filosofia com crianças.

UMA PERSPECTIVA TRÁGICA DO SOFRIMENTO NAS PRÁTICAS ESCOLARES

RESUMO

Este artigo se propõe a pensar os modos de se lidar com o sofrimento nas práticas escolares desde uma perspectiva trágica nietzschiana, em tempos de felicidade a qualquer preço como prerrogativa do bem viver. Para tanto, problematiza, a partir de uma pesquisa bibliográfica, os modos de funcionamento da felicidade no presente e o discurso da infância feliz, a partir do conceito do trágico e da grande saúde em Nietzsche. A partir disso, toma a filosofia com crianças por meio de práticas de escrita e leitura como uma outra possibilidade de relação com o pensamento e com a vida na escola.

Palavras-chave: infância; felicidade, sofrimento, trágico, filosofia com crianças.

Uma introdução

A educação tem sido pensada como uma máquina de ensinar conteúdos pelas perspectivas tecnicistas; como um instrumento de reprodução social e econômica e, ao mesmo tempo, como possibilidade de conscientização e libertação pelas perspectivas críticas; como uma instituição que realiza um nexo entre a disciplina e a biopolítica em tempos de controle no presente pelas perspectivas pós-estruturalistas. Também há, contemporaneamente, toda uma tentativa de defesa da escola em tempos em que vem sendo tão fortemente atravessada pelas lógicas empresariais, de inovação e prazer do aluno-cliente. Mas em todas essas perspectivas, é de um humano que se trata (não do humano).

Nessa pesquisa, optamos, pois, por fazer um recorte bem específico, atentando-nos para um sintoma forte do nosso presente: a felicidade ininterrupta como prerrogativa. A partir disso, decidimos nos perguntar: quais os espaços para a lidação com o sofrimento na escola? De que formas?

Crianças vivem situações de abandono, doença, perda de familiares, miséria, violência, humilhações de diferentes ordens, discriminação, entre tantas outras questões. Há o insuportável de ser falado e escrito. Há o que é caso de polícia e Conselho Tutelar. Há o que podemos tomar para o exercício do pensamento e de vida a partir da problematização da obrigação da felicidade a todo custo, da nossa lidação com os enfrentamentos diários que fazemos com o sofrimento. Não é terapia, autoajuda ou uma crítica denunciante. É escola tomando a vida para ser pensada.

A partir disso, trazemos uma perspectiva da “filosofia com crianças” para tomarmos o sofrimento desde uma perspectiva trágica em Nietzsche, apostando na força da escrita. Com isso não se intenciona fazer um festejo ou uma apologia ao sofrimento. Trata-se, apenas, de não ignorá-lo e vê-lo tão humano quanto de fato é; de se entender que seu enfrentamento pode fortalecer-nos em tempos de amortecimento da vida, do pensamento, da infância.

De acordo com López (2008), a filosofia com crianças não passa apenas pelo conceito de experiência, mas de “experiência trágica”. Dessa forma, essa abordagem de filosofia *com* crianças diferencia-se de filosofia *para* crianças, estando aí entrelaçados conceitos como o próprio “trágico” de Nietzsche e a grande saúde.

Felicidades

Como funcionam as felicidades que atravessam certos modos de vida na atualidade? Esse conceito desloca-se, podendo, aqui, citar algumas perspectivas, tais como: o epicurismo, o estoicismo com Sêneca, o cristianismo, uma visão iluminista com Rousseau e uma perspectiva mais contemporânea.

De acordo com o epicurismo, a felicidade é conquistada. Epicuro (2002, p. 21), na *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*, diz que a filosofia é importante para o jovem e para o velho para que sejam felizes. Apesar de, para Epicuro (2002), o prazer ser essencial para uma vida feliz, admitia a inevitabilidade da dor, tendo na liberdade interior, um caminho para serenidade. Para os epicuristas, “toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas”. (EPICURO, 2002, p. 39).

A meditação filosófica, a serenidade, longe das coisas do mundo, era, para ele, uma possibilidade de felicidade. Ficar no seu Jardim, lugar que tinha como escola, onde estavam seus discípulos e onde os doutrinava, distante da multidão, era um caminho de evitação do sofrimento. Nietzsche (2004) diz que o epicurista elege situações e pessoas que lhe convêm por ter uma constituição muito suscetível. O filósofo critica: “[...] renuncia a tudo o mais, o que equivale a dizer a quase tudo: isso seria para ele alimento forte demais, pesado demais”. (NIETZSCHE, 2004, p. 159). Dessa forma, abdica das coisas da vida, do mundo, tende quase que a uma existência desprovida de uma capacidade de enfrentamento.

Já para apresentar o tema da felicidade para os estoicos, Bezerra (2001) vale-se do livro *Da Vida Feliz de Sêneca*. A partir de tal obra, diz que todos os “homens” desejam a felicidade, mas que poucos a alcançam, pois seguem a opinião da maioria por necessidade de aceitação, o que os afastaria da felicidade (Ibidem.). Em *Da felicidade*, Sêneca (2012, p. 8) diz que “nada é mais importante, portanto, que não seguir como ovelhas o rebanho dos que nos precederam, indo assim não aonde querem que se vá, senão aonde se deseja ir.” Para o estoico, a felicidade não é conseguida através das grandes conquistas, mas das coisas simples, a partir da preparação e enfrentamento dos acontecimentos da vida, sendo importante que se usufrua de tudo o que a vida traz consigo.

Nietzsche (2004), então, diferencia o epicurista, e seu jardim protegido das mazelas da vida, do estoico, que faz um enfrentamento maior com os percalços da vida, como um dizer sim à vida com tudo que com ela vem. Assim, afasta-se de um aspecto determinista, pois trata menos de uma aceitação cômoda, mas sim de um *pathos* afirmativo. (NIETZSCHE, 2007a).

No cristianismo, podemos perceber um outro deslocamento, pois existe uma condição efêmera desfrutada pelo ser humano em sua vida, sendo que essa condição não é sua natureza. A sua alma, que se assemelha a Deus, é imortal. A promessa de felicidade estaria na imortalidade, que não é uma continuidade da vida, que é peregrina. Então, deveríamos transformar nossas vidas como que uma cópia boa dessa bem-aventurada alma. A certeza de uma promessa de paraíso com interminável felicidade após a morte diminui a felicidade como questão nessa vida tomada como provisória, quase que um erro a refutar. O ser humano é semelhante a Deus por natureza, mas é preciso que se viva moralmente para ser digno dessa semelhança, o que lhe traria felicidade, renunciando a si mesmo em nome de valores superiores. Além disso, a perspectiva cristã vincula fortemente o sofrimento à purificação da alma. Quase como se existisse uma aposta nesse sofrimento-mérito. A felicidade-medalha, então, é a promessa do paraíso nessa perspectiva platônico-cristã. Necessidade de renúncia às coisas da vida.

Nietzsche (2010, p. 225), em *Vontade de Potência*, critica o cristianismo, listando alguns pontos que sustentam essa religião: “esperança de um além; a fantasmagoria sangrenta do sacrifício [...]; o ato redentor [...]; o ascetismo, a negação do mundo [...]; a hierarquia, uma forma de comunidade.”

Consideramos importante marcar, ainda, outro deslocamento com a perspectiva iluminista, trazendo como uma possibilidade o conceito de felicidade para Rousseau. De acordo com Souza Filho (2011), para o filósofo, era junto à natureza que um estado de felicidade poderia ser alcançado, pelo fato de ela conter o poder de criação e sua benevolência, aproximando-se do divino. O autor expõe que numa visão rousseauiana não há mal algum na natureza, nada gera desordem. Nela, não há possibilidade para a infelicidade, pois é completa, sendo criação de Deus. O filósofo afirmava que a natureza o levava para outro mundo e sobre isso Souza Filho (2011, p. 19) acrescenta: “É sob esse sentimento da natureza, então, que Rousseau encontrará seu refúgio ao recolher-se do convívio em sociedade, bem como a felicidade que lhe cabe na sua estranha condição de solitário.”

Vivemos a felicidade do retiro, da preparação e equipagem de si, da renúncia a si mesmo, do acesso à felicidade via razão e, mais contemporaneamente, da necessidade de felicidade o tempo inteiro, vinculada à ideia de prazer ininterrupto, sucesso e consumo. Desse modo, percebe-se que a felicidade não é um universal, um dado, mas um valor que esqueceu sua condição de invenção e se naturalizou. Assim, tem uma história e que traz atravessamentos na concepção contemporânea do que vem a ser felicidade, implicando em específicos modos de subjetivação no presente.

Nietzsche (2007b) suspeita profundamente do valor dos valores, então também coloca em xeque o valor da verdade, dizendo que não passa de uma ilusão. A vida não é posta de acordo com uma verdade, a vida não a respeita, porque a vida é mais do que esse esforço por um enquadramento, não podendo ser submetida ao binômio verdade e erro. De acordo com o filósofo, esse acreditar numa verdade é uma tentativa de segurança por parte do ser humano nessa junção por rebanho, por consenso.

Assim, poderíamos dizer que vivemos, contemporaneamente, a busca pela felicidade como uma verdade original? Acreditamos que precisamos ser felizes sempre, que precisamos ter sucesso, que precisamos expor nossa alegria e legitimá-la pelo olhar do outro? Não é por acaso que os livros de autoajuda, por exemplo, ganham o espaço que têm no presente. Felicidade passo a passo. Subjetividades atravessadas pela eficácia da felicidade contemporânea, sustentada por princípios neoliberais. Cada um por si e um mais feliz do que o outro.

Marín-Díaz (2015) afirma que, de acordo com as formas de verificação e matrizes normativas de comportamento, a felicidade é tida como finalidade, tanto na vida individual, como coletiva, e que, sendo assim, ela ocupa um lugar determinante, não apenas na tradição intelectual do pensamento ocidental, como também, entre variados grupos humanos e tradições de pensamento. Mas, não há uma verdade sobre a felicidade, uma vez que poderíamos tomá-la muito mais como um acaso do que uma escolha planejada. Nietzsche perguntaria: felicidade para quem?

Contemporaneamente, pode-se observar a força dos discursos neoliberais, que produzem o individualismo e uma vida voltada para o sucesso como sinônimo de uma vida de satisfação. Isso fica fortemente marcado pelo consumo, pela descartabilidade de produtos, de pessoas e de relações. Vivemos a era do prazer ininterrupto, de inúmeras receitas de felicidade, com seus manuais prescritivos, o que vem apenas a potencializar insatisfação nessas existências pasteurizadas, estando presentes nas redes sociais, nos livros didáticos, na literatura infantil, nos discursos pedagógicos. Assim, quase já não há espaço para se reconhecer aquela satisfação que é “pequena”, aquela que pode vir de algo rotineiro, de uma mínima ruptura poética dessa rotina. O prazer precisa ser grande, tão grande que ocorra agora e que não tenha fim. Não se suporta mais o fracasso, não se suporta mais a estetização da existência. A cultura do narcisismo e do espetáculo favorecem o mundo da performance e quem não se submete a ele pode se considerar um perdedor.

Desse modo, a frustração é negada, o tempo de ruminação das coisas do mundo é negado. A felicidade medicalizada, inúmeras vezes, passa a ser uma existência colocada no topo da rede de consumo. “Os sofrimentos, como a ansiedade, a angústia e a tristeza, que sinalizam circunstâncias e situações humanas e para elas preparam o homem, são aplacados pela medicação”. (PELEGRINI, 2003, p. 39). Sabemos que não se trata do descarte da medicação como potencialização da saúde, mas de sua naturalização nessas relações.

Essa necessidade de ser feliz o tempo inteiro, ou o suficiente para que acreditem que se é feliz, vem produzindo modos de subjetivação. Há forças que contribuem para que se tenha uma concepção de sujeito-felicidade, como se essa fosse a possibilidade mais viável e desejável de se viver. Trata-se da maquinaria capitalística da felicidade que opera com o humano tomado como naturalmente buscador de felicidade, sendo ele produzido em inúmeras práticas discursivas e não-discursivas que são sempre históricas. Mostrar como a escola também joga esse jogo talvez seja um movimento interessante para pensarmos o que estamos nos tornando no presente.

Infância feliz

A modernidade inventa a infância e com ela traz essa infância idealizada, depositário de esperança e de dias melhores. Uma criança

essencializada, que existiria fora dos processos históricos, uma criança “no geral” e sempre marcada por uma dimensão de falta. Essa visão romântica da infância que se propaga até os dias de hoje nas práticas escolares nos traz a ideia de que esta precisaria ser protegida das coisas do “mundo real”, vivendo como que um conto de fadas social, mas também devendo agir de acordo com certos preceitos moralizantes. Todavia, problematizamos esses discursos, entendendo que as crianças são atravessadas por várias infâncias.

Calligaris (2000) afirma que as crianças, ainda hoje, são vistas como imagem perfeita e segura da felicidade. O autor critica esse olhar romântico sobre a infância, comparando a infância moderna a um grande resto da sociedade tradicional na sociedade moderna. Explica que aí haveria a visão de que as crianças ainda gozariam de direitos, sendo um deles uma infância feliz, o que consolaria nossos fracassos de adultos.

Perguntaria novamente Nietzsche: feliz para quem? Nesse caso, poderíamos arriscar, dizendo de uma felicidade vinculada à Disney-infância? Ver na infância um tempo de pureza e fragilidade, colocar a criança nesse lugar faz com que ela se torne alvo fácil dos meios de comunicação, do consumo, do discurso da compra da felicidade rápida. A criança fica à mercê de práticas neoliberais em que a felicidade-sucesso sustenta-se em sujeitos cada vez mais distanciados de si mesmos, a partir do princípio do individualismo e da livre-escolha.

As crianças são convocadas a essa corrida pelo prazer e pela felicidade próprios do mundo adulto, mas ainda assim, são vistas num lugar de privilégio, onde tudo é pureza. Se por um lado há uma tendência a uma visão de paraíso ligada à infância, por outro não se estaria a aproximando da noção de vida adulta? Parecem dois lados da mesma moeda, porque implicam certa relação das infâncias com o valor da felicidade. E, no contemporâneo, dessa felicidade-sucesso-consumo. Mas essas duas perspectivas tem algo em comum: tomar a criança pela sua dimensão de falta, de que ainda “não é”, de quem ainda “vai ser” alguém na vida. Desse modo, parece que a idealização dos adultos por uma vida feliz, de sucesso dá continuidade ao mito da infância feliz, mesmo havendo tanta violência e abandono.

Larrosa (2016, p. 187) expõe duas visões em relação ao recém-nascido: se por um lado “não é outra coisa senão aquilo que nós colocamos nele”, por outro trata-se de um outro, que não corresponde ao idealizado. É um outro que está para além de nossos desejos, carências ou de qualquer coisa que tentemos antecipar. Sobre isso, ele diz: “desse ponto de vista, uma criança é algo absolutamente novo que dissolve a solidez do nosso mundo e que suspende a certeza que nós temos de nós próprios”. (Ibidem., p.187). Ele enfatiza que o momento do nascimento de uma criança não é de continuidade, mas de descontinuidade, sendo o enigmático, o indecifrável abrindo espaço para o novo.

Por outro lado, é inevitável a influência do mundo adulto sobre a criança. Somos nós, os adultos, que recebemos esses recém-chegados no mundo, na família, na escola, na cultura e lhes damos ferramentas para atuar nesses espaços. É importante que ainda o façamos, já que na contemporaneidade, cada vez mais, estamos dando essa responsabilidade - de receber os recém-chegados - às próprias crianças.

Explicamos que para se pensar de que maneira o imperativo adulto da felicidade pode atravessar a vida da criança, por vezes, usamos o termo infância ligado à criança, como estágio cronológico. Mas, é importante que se esclareça que quando referenciamos a infância, estamos a tomando para além da materialidade de um período. Assim, “não me refiro, claro está, apenas a uma etapa cronológica da vida humana, mas antes que qualquer outra coisa, a essa condição que nos habita – às vezes de forma mais perceptível, às vezes quase imperceptível – desde que habitamos o mundo.” (KOHAN, 2015, p. 217).

Tal entendimento faz elo com o pensar pelo viés trágico imanente à vida, na saúde de quem diz sim a ela e no tanto que isso tem a ver com a escola, com o pensamento e com a escrita. Traz suporte para se pensar em existências que fazem uma lidação mais criativa com o sofrimento. Talvez uma infância do pensamento.

Trágica é a vida!

Em *O nascimento da Tragédia* opera-se com a tragédia a partir de dois conceitos: de apolíneo e de dionisíaco. Os lemas de Apolo, deus da beleza, eram “conhece-te a ti mesmo” e “nada em demasia”, expressando “a imagem divina do princípio de individuação”. (MACHADO, 2005, p. 7). Assim, para Nietzsche (apud MACHADO, 2005), o que diz respeito a Apolo está relacionado com o processo de criação do indivíduo e consciência de si. O que é apolíneo é brilhante e ligado à aparência, características conquistadas por feitos heroicos. Todas as formas devem nos falar, saltam da tela em alegria, entusiasmo, prazer e júbilo. As imagens que se formam em suas mentes devem ser agradáveis, aprazíveis e amigáveis (NIETZSCHE, 1992). O que é brilhante cria uma proteção contra o tenebroso e sombrio da vida, trata-se de uma proteção criada pela aparência. Machado (2005, p. 7) enfatiza que, desse modo, a vida passa a ser mais desejável, ocultando “o sofrimento pela criação de uma ilusão”.

Por outro lado, retomar o que significa o dionisíaco para Nietzsche, é ligar o termo a um sentimento de unidade, segundo Machado (2005). Trazer à mente a cena das bacantes leva-nos a pensarmos em orgias, transe coletivo, festejos para Dionísio, bebida e dança. Numa imagem extrema apresenta-se a experiência de celebração entre as pessoas e com a natureza, na possibilidade de se fundir, resistindo à individualidade. É o quadro do convite ao bacanal. Ao mesmo tempo em que as imagens se fazem sombrias, escuras, vê-se pessoas embriagadas, dançando e cantando. O encantamento mistura-se com o grotesco. O ser humano estampado num emaranhado de corpos.

Numa concepção nietzschiana, o mais relevante na/da tragédia é o encontro do apolíneo e do dionisíaco: na arte trágica, a música é o último e a palavra e a cena o primeiro. Desse modo, o público pode “aceitar o sofrimento com alegria, como parte integrante da vida” (MACHADO, 2005, p. 9). É, então, a partir da união de aparência e essência, de ilusão e verdade, de alegria e sofrimento, que a tragédia se dá, expressando pulsões de Apolo e Dionísio, trazendo à tona questões importantes da existência humana. São forças que se complementam em potência de vida. Por isso, não se separa mais o mundo de forma platônica, mas se opera na imanência da vida.

Sobre essas forças que são opostas em complementariedade, Nietzsche diz (1992, p. 27), “[...] caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas [...]”. São duas partes diversas, mas com potencial de atravessamentos e, para além disso, de criação. O mundo se faz a partir de forças que vão agindo e reagindo, uma atuando sobre a outra. Essas forças “efetivam-se manifestando um querer-vir-a-ser-mais-forte. Elas não se situam no tempo mas o instituem; não preenchem o espaço mas o constituem.” (MARTON, 2001, p. 65).

Assim, podemos tomar a potência do conceito do trágico para problematizarmos as práticas pedagógicas na lidação com os sofrimentos infantis na escola do presente. Pensa-se, com isso, a potência de um pensamento que dissolve essência e aparência para lidar com as relações de força. Existe, desse modo, um enfrentamento com as coisas da vida. Para Cragnolini (2006), os conflitos que vêm à tona na tragédia não precisam ser resolvidos, não têm um desfecho, um final, uma conclusão satisfatória, um fechamento limpo de nós, mas, ao contrário, são vida, estão na vida, para serem vividos sem condições prescritivas baseadas no idealizado. Aí está um ser humano que não apenas suporta a vida, mas a torna possibilidade de transformação. Um ser humano que se coloca na linha de frente, posicionando-se contra um modo de vida idealizado, sem percalços, calcado em verdades que subjogam a capacidade de sentir e a potência que há nas tantas possibilidades de se afetar.

Uma outra saúde: a grande

Pensar o trágico nos faz pensar na grande saúde a partir dessa perspectiva. Em *Ecce Homo*, Nietzsche (2007a) diz que a melhor definição sua para a grande saúde está em *A Gaia Ciência*, quando traz que: “[...] precisamos de uma nova saúde, que seja mais forte, mais aguda, mais

obstinada, mais intrépida, mais alegre do que qualquer outra que tenha existido". (NIETZSCHE, 2004, p. 229).

O filósofo fala que a alma (sic) desses, assim chamados, novos, precisa ser curiosa, que almeje aprender e conhecer, mas que possa fazê-lo por meio da aventura de viver, de uma "experiência mais pessoal" (NIETZSCHE, 2004, p. 229). Trata-se de viver tal experiência como artistas, sábios, como aqueles que não cessam de adquirir a grande saúde, de perdê-la, retomá-la, sacrificá-la e retomá-la outra vez.

Com essa alma forte, "olhar calmo e passo firme", é importante estar a postos "para os extremos como para uma festa" (NIETZSCHE, 2004, p. 157), e repleto de desejo pelo que ainda não se viveu, desejo por desbravar o desconhecido propiciado pela vida. Se falamos do inesperado, do não-calculado, não há uma maneira prescrita de se lidar com isso.

Assim, referindo-se à vida e à sabedoria, Marton (2001, p. 68) retoma a dança de Zaratustra. Diz que, ao invés de se viver uma vida tentando aprisionar e deter a verdade, mais vale o pensamento da mutabilidade. Isso porque a leveza é um dos pontos da grande saúde. Não levar-se tão a sério, não ser um ressentido, um reativo, mas alguém que sabe esquecer e se recriar. Onfray (2014, p. 12), ao se referir à grande saúde de Nietzsche, fala de um transbordamento vital, de "um consentimento à vida jorrando por toda escrita do pensador". Um consentimento à vida, à alegria, ao sofrimento.

Desse modo, Nietzsche (2004) expõe dois tipos de homens – *Dois homens felizes*, a partir da música. O primeiro como aquele que erra e segue improvisando durante as apresentações. Afirma que "são hábeis, inventivos e sempre prontos a juntar, no mesmo instante, no conjunto temático, o som produzido por um acaso ou por um capricho de dedilhação; é que sabem sempre animar esse acaso com um belo sentido e uma bela alma." (NIETZSCHE, 2004, p. 158). Algo novo é produzido ali. No suposto erro. No erro que deixou de ser erro quando se tornou invenção. E o segundo homem, para Nietzsche (2004), diferente do músico citado, tem muito mais gratidão por seus fracassos do que por seus êxitos, por não se preocupar apenas com os resultados. Trata-se de alguém que não se leva tão a sério a ponto de colocar seu orgulho antes da possibilidade de ter um modo outro de existência, um modo não produzido pelo desejo de permanente êxito e felicidade.

A partir disso, faz-se necessário pensar sobre tais prerrogativas: êxito, sucesso, felicidade. Poderíamos, aí, tomar o filósofo para pensarmos os quereres gerados por ideais contemporâneos: ser o melhor, conhecer suas habilidades para delas tirar o maior proveito, aprender a aprender, ser inovador, empreendedor de si; caminho do sucesso. Conhecer a si mesmo, neste ponto de vista, é conhecer suas capacidades para torná-las produtivas na maquinaria capitalística, saber quais são suas deficiências para evitá-las e nunca (nunca!) fraquejar. Radical evitação dos descaminhos. Trata-se de um tipo de felicidade aos moldes dos imperativos do capitalismo contemporâneo.

Percebemos, dessa maneira, como essa necessidade de uma felicidade idealizada está no caminho inverso da aceitação dos (supostos) erros. Aceitação não deve, aqui, ser confundida com conformismo, mas como possibilidade de lançar um olhar novo sobre si, possibilidade de criação. Aceitação diante da possibilidade de aprender pela experiência. Trata-se de se dizer sim ao que a vida oferece e ao tanto de potência gerada por tal afirmação, buscando escapar, ao máximo, do funcionamento por rebanho (NIETZSCHE, 2004).

Podemos, então, pensar na felicidade como uma moral contemporânea, pela qual nos sacrificamos e somos recompensados. Assim, o ser humano quando almeja uma felicidade esterilizada das coisas do próprio humano, tenta apartar prazer e desprazer, dor e alegria, felicidade e sofrimento, como se não coexistissem na transitoriedade característica da vida. Sobre isso, Onfray (2014, p. 56) afirma: "os homens procuram o máximo de prazer, evitam ao máximo o desprazer: atraídos pelo gozo, eles repugnam a dor. Borboleta obcecada pela lâmpada".

Contudo, o sofrimento é humano e tentar negá-lo pode ser muito mais penoso do que aceitá-lo, uma vez que a dor pode estar implicada em uma superabundância específica daquele que é saudável e forte. Por tal motivo, Nietzsche (2004) fala no ser humano corajoso, que sabe conviver com felicidade e sofrimento e se fortalecer através disso. Um ser humano que vive com "alegria os riscos", embora se saiba que em casos mais extremos o antagonismo se torna inevitável, trazendo marcas traumáticas.

Parece desafiador ver essa coragem dentro da escola, nas práticas pedagógicas. Ao usar o termo "desafiador", já distancio tal possibilidade da rotina escolar, mas sem verdadeiramente intencionar esse distanciamento, e sim, por questionar como a escola está envolta à trama da felicidade. Será que existe possibilidade para o trágico no contexto escolar? Como é, ou como seria, ou ainda, como seria construído esse espaço de se pensar a educação através do trágico e, conseqüentemente, da grande saúde? Trágico, grande saúde, pensamento, escrita, infância: tanto que os aproximam! "Só a arte, a literatura e o pensamento podem, se não resgatar, pelo menos honrar essa *dívida* com relação à infância." (PRADO Jr, 2010, p. 56). Aqui não se trata de uma busca por salvação ou pensamento por grandes políticas, mas a aposta no microfísico, no menor kafkiano.

Trágica é a vida também na escola: filosofia com crianças

Há, portanto, um funcionamento de se negar o obscuro. De acordo com López (2008), essa repulsa ao lado mais escuro das circunstâncias anda de mãos dadas com a história do ocidente. Existe uma tendência à rejeição do incontrolável da vida. Opostamente a essa resistência, o trágico é a "relação entre a forma e o ilimitado" (LÓPEZ, 2008, p. 40), que tem o sublime como resultado, trazendo à tona a potência do pensamento.

É justamente o que a tragédia traz consigo: quando se está na beira do abismo, num estado abismal que o sentido é gerado. Como esclarece López (2008), não é uma questão de se atirar no abismo ou se deixar tragar por ele, mas de "manter aberta a relação com esse fundo." (LÓPEZ, 2008, p. 82). E é nesse ponto, quando trazemos a estas linhas os termos sentido e pensamento, que ainda mais nos aproximamos de possibilidades de práticas escolares atravessadas pela potência do trágico.

Trazemos, pois, a "filosofia com crianças" para potencializar a pensar o pensamento, a experiência trágica. Porém, não uma filosofia entendida como disciplina, mas como apresentada por Foucault e retomada por López (2008, p. 83), uma *áskesis*, ou seja "um exercício de si no pensamento". Por outro lado, também lembramos que a "filosofia com crianças" é possibilitadora de um colocar-se no mundo de modos outros e com os outros. Ponto importante, quando se fala em escola, e ainda mais, atravessada pelo funcionamento neoliberal nessa relação com a felicidade, que ao cair nas redes da filosofia, pode ser problematizada. Assim, os movimentos de transmissão e acumulação se combinam com os movimentos de exercício do pensamento e criação nessas práticas culturais escolares.

Por isso, saber, que é acumulação e memória, conecta-se ao pensar, que é experiência, sendo o que implica o sentido. E não podemos pensar fora da criação de problemas, que nos coloca para além dos limites, pois seria "erudição morta" (LÓPEZ, 2008, p. 99). Assim, o pensamento seria uma abertura, uma interrupção e os problemas não seriam obstáculos a serem superados, mas um dos modos de relação com o pensamento. A educação está ligada ao cultivo da cultura (podemos questionar qual) e a ela não apenas é atribuído o papel de transmiti-la, como de criar outras possibilidades. Por isso, a educação "é uma relação de cuidado com a vida" (Ibidem., p.10), é "[...] a forma com que o mundo *recebe* os que nascem". (LARROSA, 2016, p. 188). E podemos recebê-los também com uma filosofia que problematize nossos modos de existência no presente.

Entendemos que o discurso corrente da felicidade a qualquer preço faz parte dessas práticas, tomando as infâncias como objeto de conhecimento e, ao mesmo tempo, produzindo modos de subjetivação. Porém, por mais que haja uma naturalização dessas práticas, elas são da ordem da emergência e, portanto, os enunciados não são sempre os mesmos. Dessa forma, existem brechas para o surgimento do plano da criação, do ainda-não-pensado, na filosofia com crianças tomada desde a perspectiva do trágico.

Pensamos na infância junto com o que é exposto por Kohan (2015, p. 223), a partir de Lyotard, ou seja, uma “infância não cronológica que nos ocupa”. Essa é a infância que contempla o indizível, que faz lembrar daquilo que mora nas palavras que podem ser ditas, que se esconde nelas, mas que traz um sentido muito mais potente do que elas próprias. Olhar aberto e curioso para o mundo. O olhar da filosofia.

Kohan (2015, p. 224) amplia tal ideia, dizendo é possível que a tarefa política mais relevante para o pensamento, neste caso, seja a de lembrar que não há por que, nem como acabar com a infância, argumentando que “ela nos constitui como forma de sinal de nossa condição indeterminada”. Para ele, uma forma política de testemunho e de manutenção de uma força é lembrá-la nas práticas pedagógicas.

O autor diz que a infância é algo que “já é”, porém sem se saber exatamente desse “algo”. O que era até aí, já não é mais: com a entrada de um outro ser, há uma ruptura. O autor pergunta-se, como nós nos perguntamos, se há lugar para a infância na escola. Kohan (2015) arrisca-se, dizendo que a produção desse lugar é tarefa árdua quando falamos na escola regida pelo currículo morto, pelas avaliações, pelas séries (anos) que em sua progressão almejam “preparar a infância para um tempo melhor”. (Ibidem., p. 225). Ou seja, uma escola embalada pela lógica neoliberal de competição, de progresso, desenvolvimento, produção.

Kohan (2015, p. 225) também enfatiza que “a infância é uma forma de tempo sensível”. Desse modo, Lyotard (apud KOHAN, 2015, p. 225) diz que “a capacidade de sentir prazer e dor, afetividade, *aisthesis*, é independente de sua possível articulação. [...] este tempo antes do *logos* é chamado *infantia*”.

Assim, tal tempo antes do *logos* é um tempo de deixar-se afetar. Por tal motivo, Kohan (2015, p. 225) destaca que, de novo, a infância liga-se à filosofia. A filosofia e a infância aproximam-se por seu tempo sensível, “um tempo primeiro, inicial, inaugural, uma condição”. Nesse ponto, interessa-nos voltar à questão da nomenclatura “filosofia com crianças”. É justamente pela característica de experiência trágica, que é essencial que outro sentido seja dado ao pensar, dialogar e criar. Nessa perspectiva nietzschiana, a relação com a verdade é um ponto que diferencia “filosofia para crianças” de “filosofia com crianças”. A pergunta não é sobre a verdade, mas sobre o valor e o sentido. Desse modo, um modo de pensar não é trazido “para” as crianças, mas um modo de pensar o pensamento é construído “com” as crianças. (LÓPEZ, 2008, p. 18-35).

Destacamos tal ponto, já que para López (2008, p. 55) na “filosofia com crianças”, numa perspectiva trágica, existe um descentramento do pensamento em relação à verdade, uma vez que ela está sempre além “do que pensamos e do que queremos”, pois o pensamento é inevitavelmente colocado em relação ao não-pensado. Desse modo, “só pensamos quando somos provocados desde fora de nosso poder, de nosso saber, de nossa identidade pessoal”. (LÓPEZ, 2008, p. 55) .

Na “filosofia com crianças” há espaço para o pensamento e para a linguagem, portanto é um lugar para a transformação, para a transitoriedade. Poder abraçar o acaso é abraçar tudo o que vem com a vida, inclusive o sofrimento, pois para Deleuze (1976, p. 19), “trágica é a afirmação, porque afirma o acaso e a necessidade do acaso; porque afirma o devir [...] Todo resto é niilismo, *pathos* dialético e cristão, caricatura do trágico [...]”.

Filosofar com crianças é trazer à tona a possibilidade de pensar o pensamento, deixar-se mergulhar na afirmação da vida com tudo o que ela traz. E isso vivido no coletivo, construindo algo outro das palavras para dizerem outras coisas. Saber ouvir. Ter atenção. Poder falar. Pensar. Ler. E escrever.

Ainda algumas considerações

Pensamos, então, na possibilidade de tentativa da experiência filosófica atravessada pela escrita. Isso é o que afirmam Marton e Silva (2014, p. 267), referindo-se às “experiências coletivas e singulares vividas” poderem ser traduzidas em palavras, ou seja, uma ampliação da experiência de pensamento. Como tomar a leitura e a escrita como práticas políticas e inventivas, mobilizando a sensibilidade das crianças, especialmente no que diz respeito à experiência de pensamento como acontecimento?

Filosofia, infância do pensamento e escrita estabelecem entre si um encontro, já que não há uma aceitação passiva do já-sabido. Para Kohan (2015), a escrita teria uma tarefa política em relação à infância do pensamento. E isso se dando nos coletivos das salas de aula, nesse potente espaço para se pensar junto, mas sem pensar o mesmo.

Já sabemos que a filosofia abre brechas do impensado no pensamento, mas também entendemos que escrever é colocar o pensamento no seu processo de transição: escrevemos e pensamos (ao mesmo tempo, antes e depois); escrevemos e fazemos transição para o que ainda não era; escrevemos e ficamos no entre, na passagem do que éramos-pensávamos. Oferecer à criança a proposta dessa escrita como passagem é oferecer possibilidades de multiplicidade, abrindo espaço para essa intensidade que conecta as palavras e os problemas, deslocando-as dos clichês. (LÓPEZ, 2008).

Assim, podemos entender que a escrita mergulhada na infância do pensamento poderia ser pensada como força instituinte que rompe com o que é sem vida. Operar na escola a possibilidade dessa escrita é abri-la para as possibilidades de criação, ou segundo Deleuze (1997), é dar linhas de vida possíveis. Podemos, então, pensar em uma escrita atravessada por uma grande saúde?

Em nenhum momento queremos que o leitor passe a crer em uma escrita de puro otimismo, que libertará aquele que escreve de quem ele é, que antagonize felicidade e sofrimento ou que festeje as dores humanas. Trata-se de fazer enfrentamento com nossas questões, sendo a escrita essa possibilidade de problematização do pensamento, de estoicamente estar frente a frente consigo mesmo, justamente para equipar-se na sua diferença e distanciar-se de si. Isso não resolve nada, não promete nada, não salva nada. Sobre isso, Corazza (2006) diz: “ao artista a escrita em educação, tomamos partido rigoroso contra qualquer escrita nostálgica, redentora, aconselhadora, messiânica, profética. Ao escrever, bebemos de fontes vivas”. (CORAZZA, 2006, p. 23). A escrita não como consolo, mas como pulsação.

Para encerrarmos essa escrita que tentou falar da vida, do pensamento, da escola, da infância para continuarmos pensando acerca dessas relações de modo trágico, trazemos a seguinte consideração: “[...] Escrever nos torna eminentemente trágicos. [...] Escrever nos faz aberrantes ao extremo. Exige a morte dos aparecidos. Renovada, nossa escrita se desinteressa de qualquer benefício, prestígio, divulgação, opõe-se à ordem natural, e liga-se à morte, que é condição da vida [...]”. (CORAZZA, 2006, p. 25).

REFERÊNCIAS

BEZERRA, David. **O Problema da Felicidade em Sêneca e Marco Aurélio** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP. Disponível em <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000222770>>. Acesso em 31 Out. 2017.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo, Publifolha, 2000. (Folha Explica).

CORAZZA, Sandra M. **Artistagens: filosofia da diferença e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CRAGNOLINI, Monica B. Tragedia y superficie – El saber de la superficie y el abismo de la nada. In: BARRENECHEA, M. A.; FEITOSA, C.;

- PINHEIRO, P. (Orgs). **Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação.** Assim falou Nietzsche V. Rio de Janeiro: DP&A. 2006, p. 65-80.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia.** Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica.** 1.ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu).** São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- KOHAN, Walter O. Visões de filosofia: infância. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2015, p. 216-226.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.** Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. Belo Horizonte; Autêntica, 2016.
- LÓPEZ, Maximiliano. V. **Acontecimento e Experiência no Trabalho Filosófico com Crianças.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade.** Rio de Janeiro: Graal Editora, 1999.
- MACHADO, Roberto (Org.). **Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. **Autoajuda, educação e práticas de si: genealogia de uma antropotécnica.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- MARTON, Scarlett. **Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche.** São Paulo: Discurso: UNIJUÍ, 2001.
- MARTON, Silmara Lúcia; SILVA, Dagmar de Mello e. Escutando Crianças: o que elas nos deram a pensar?. **Childhood & Philosophy**, v.10, 2014, p. 267-282.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Nascimento da Tragédia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência.** Tradução Jean Melville. São Paulo. Martin Claret, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo.** Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007a.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral.** (Org. e Trad. Fernando de Moraes Barros). São Paulo: Hedra, 2007b.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Vontade de potência – parte I.** Tradução de Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2010.
- ONFRAY, Michel. **A sabedoria trágica: Sobre o bom uso de Nietzsche.** Tradução de Carla. Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- PELEGRINI, Marta Regueira Fonseca. O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade. **Psicol. Cienc.**, Brasília, v. 23, n. 1, 2003, p. 38-41.
- PRADO Jr., Plínio W. O suplício da infância: notas sobre Bergman e a condição de infans. In: KOHAN, Walter Omar (Org.) **Devir-criança da filosofia.** Infância da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SÊNECA. **Da felicidade.** Porto Alegre: L&PM, 2012.
- SOUZA FILHO, Homero Santos. A natureza nos devaneios de Rousseau: refúgio e felicidade. **Pergaminho: Revista discente de Estudos Históricos**, v.2, 2011, p. 16-24.